



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

POR TERRAS DA MAIA...

Aí pelo segundo quartel do século XIX manobrava em terras da Maia uma quadrilha famosa: Era a malta dos Vendas e Gamelas.

Uma boa vélha, que já caminhou para a Terra da Verdade, contou-me há tempos proezas dos bandidos, passados quando a ti'Águeda (assim se chamava ela) andava nos seus onze anos.

Ao desdobrar os apontamentos onde as palavras da mulherzinha se acham fielmente reproduzidas, evo-

quei essa figura de legítima portuguesa, com o fuso na mão, a roca presa na cinta, e o cabelo tam emmaranhado e de côr tam duvidosa como a lâ que ia desfiando...

O Gamela vivia numa cabana, no monte de Paradelá (S. Martinho de Bougado). Era casado, e, parecendo indiferente a todos os baldões da sorte, passava um martírio só de pensar que a sua mulher, boa e honrada aliás, podia enganá-lo. E os ciúmes injustificados — verdadeiro castigo de Deus — obrigavam o ladrão a usar de violências brutais contra a sua companheira, e a proferir ameaças de morte.

Foi preso várias vezes, mas não havia escolta sufficientemente hábil para o vigiar, nem prisão segura onde permanecesse uma temporada.

Receando a fuga no caminho para a cadeia, os cabos levaram-no uma vez atado com cordas à carcassa de um burro, à laia de taleigo!

Metido na prisão, teve artes de subir um muro altíssimo, auxiliando-se com uns pauzitos metidos pelos interstícios das pedras. Tendo atingido o telhado, formou salto muito naturalmente: Ao cair, dizia êle mais tarde, sentiu uma certa impressão; mas depressa se endireitou, e lá seguiu a caminho da terra, para onde se via atraído por um amor invencível e fatal.

Tendo arranchado na malta, entrou como quadriheiro, e não sei até se como capitão, em muitos assaltos que ficaram célebres na memória do povo...

Os lavradores humildavam-se diante dêle: davam-lhe de comer e de beber. Pois se êle era tam ruím que deu duas facadas num parente da ti'Águeda sem motivo nenhum, e batia na mulher *«quando ela andava com os cachopos para ter p'rigo»*!

Mas os crimes foram-se multiplicando. Os feitos da quadrilha andavam na bôca de tôda a gente. Todos os dias: «Os Vendas! os Gamelas!...»

Entravam hoje numa botica e quebravam tudo: A frascaria vinha tôda abaixo, em cacos, e as drogas estendiam-se derramadas pelo chão!

Amanhã descrevia-se um assalto em forma à Casa do Pedro na Abelheira.

Era uma noite de-esfolhada. Ao «serão de fora» acudiam rapazes embrulhados, como de costume, em

cobertores, cobertas e lençóis, falando em falsete e lançando pulhas ⁽¹⁾.

Os ladrões, depois de combinarem a senha — *Trigo! trigo!* — dividiram-se, ficando no caminho alguns, enquanto outros entravam disfarçados. Os cães, como que adivinhando a casta dos visitantes, latiam desesperadamente.

Embuçados, correram os cantos à casa, mostrando que a conheciam bem. Entraram num quarto onde estava um doente na cama. Um dos assaltantes, que fôra direito à cama de machado em punho, descobriu-se, e o doente, reconhecendo-o, disse:

— *¿Então és capaz de me matar, e eu era tam amigo de teu pai?!*

— *Ai, que estou perdido!* — gritou o salteador.

— *Não estás, não!* — acudiu um companheiro; e, com uma machadada, abriu o crânio do infeliz, que, em má hora, se lembrara de apelar para o sentimento da amizade...

Um lavrador, Costa Campos, encontrou-se com dois ladrões, e ouviu logo a senha:

— *Trigo! trigo!*

— *Qual trigo, nem qual diabo!* — respondeu o Campos temerariamente.

Foi logo morto a machado também.

A zona das operações era extensa, e a malta ia-se multiplicando:

Um dia atacou uma casa em Mòdivas. Vivía ali um estudante, que se rojou aos pés dos bandidos, suplicando não lhe matassem a mãe, que se recusava a dizer onde tinha o dinheiro.

Foram implacáveis, e o rapaz, horrorizado, fugiu à caminho do Pôrto.

A medida trasbordou, e dos confins da Maia começam a reunir-se para uma batida, como se no povoado andasse uma alcateia de lóbos autênticos.

O cerco ia-se apertando, e os sitiantes eram cada vez mais numerosos. Batiam a tôdas as portas; esquadrihavam tudo: Os habitantes conhecidos como sérios

⁽¹⁾ Os *serões de fora* ainda hoje se realizam, e as pulhas são às vezes o rastilho de grande pancadaria.

iam engrossar o cordão; os suspeitos eram entregues aos cabos que os recolhiam a uma casa.

O Gamela conseguiu escapar dessa: Recolheu-se a uma barra cheia de palha, e sumiu-se lá para o fundo a reter a respiração. Os cabos subiram, basculharam por todos os cantos, feriram a palha em todos os sentidos com as partasanas agudas, e, não dando fé de fôlego vivo, foram-se embora.

E, não obstante, havia sob a palha não um fôlego vivo, mas sim sete, pois tantos são os de um gato asanhado, e não o podia estar mais o Gamela, com as carnes a sangrar das picadelas, e tendo de conservar-se mudo e imóvel.

Sofreu herôicamente o mesmo tormento a que submeteram Charles Nodier nas suas infelizes aventuras revolucionárias...

Alguns da malta, caídos na rêde, e entre êles um irmão do Gamela, foram metidos num carro de bois. As famílias choravam, e os cabos diziam que os presos iam para o Castêlo, para a cadeia da Maia.

Quando o carro chegou às Pateiras, adiante da Senhora das Dores, alguém apareceu a cavalo: Era o rapaz de Mòdivas a quem tinham assassinado a mãe, e futuro abade de Covelas; fitou dois que iam no carro e conheceu-os. Mandou desapor as vacas, erguer a cabeça, e matou-os a tiro ⁽¹⁾.

Outros membros da quadrilha foram mortos nas Cruzes das Almas, em S. Tiago de Bougado.

Enquanto os Gamelas e Vendas realizavam as suas façanhas, pela Terra Negra e serras da Corviã vagueavam outros salteadores que se tornaram célebres na tradição popular, e que a pena de Camilo Castelo-Branco imortalizou. Eis um exemplo:

Constou que em Avidos (Famalicão), em casa dos Barbosas, havia umas peças de ouro. Estavam, pelos modos, escondidas nos pesos dum relógio.

(1) Êste padre ficou na tradição como matador de muitos ladrões. Conta-se que uma vez ouviu falar nêles ao dizer uma missa. Acabou de a rezar à pressa, e ainda foi a tempo de matar dois! Não sabemos se seriam os mesmos da narração acima. Morreu há uns trinta anos e chamava-se o Padre Calado.

Os ladrões assaltaram a casa, tomando os caminhos. Dado o sinal de alarme, começaram a gritar por socorro, e os gritos foram-se estendendo de casa em casa até ao Esqueiro, em Landim.

No meio de aquela balbúrdia — um verdadeiro inferno — um pobre vêlho, o Nogueira, aterrado, gritava também. E ouviu lá de um caminho:

— *Grita, Nogueirinha, que tu hás-de gritar e não ter quem acuda por ti!...*

Os ladrões, levados de vencida, tiveram de fugir.

Passaram-se tempos, e uma noite foi atacada a casa do Nogueira ⁽¹⁾; o mísero conseguiu esconder-se a tempo.

Os bandidos prenderam a mulher num banco, ameaçaram-na de morte, picaram-lhe os pés com as facas, e martirizaram-na com pingos de azeite a ferver — tudo para a obrigarem a confessar onde estava o homem.

Tempo perdido!

Retiraram com tudo o que havia em casa de algum valor, deixando o casal na miséria e a pobre mulher sem saúde para tôda a vida.

.....
E o Gamela? Continuava em testilhas com a mulher e com os vizinhos. Começou a perseguir um com mais rancor; ameaçou-o de morte...

Um dia, ao anoitecer, ouviu-se um tiro. O Gamela caíu para nunca mais se levantar, gritando: *Ai, que me mataram!*

Sentiram-se ao mesmo tempo, pelo monte abaixo, os passos de alguém que vinha fugindo a denunciar-se...

Todos apontavam o assassino, mas nenhuma testemunha apareceu para o comprometer, apesar de ser oferecido um prémio pelos filhos do morto, que se achavam bem empregados na cidade ⁽²⁾.

Perto de um século se foi escoando. Em terras

(1) Êste Nogueira era avô do *Serrinha*, revolucionário do 31 de Janeiro, cuja biografia escrevemos em folheto (Santo Tirso, 1921).

(2) Alguns dados foram fornecidos por um serrador da Abelheira, o Herodes das Reisadas. Não afirmamos que todos sejam verdadeiros, porque algumas dezenas de anos são suficientes para a elaboração de uma lenda.

da Maia já não dominam os ladrões... pelo menos à moda antiga.

Mas a justiça popular ainda se encontra de pé, manifestando-se de longe a longe, mais ou menos terrível, conforme a gravidade dos casos:

Paredes destruídas, casas apedrejadas, poços entupidos, caminhos abertos à fôrça, gatunos modestos confessando as suas culpas ao som da vêrga tangida, e até... (mas cala-te, bôca!) — são casos em que temos ouvido falar como acontecidos nos nossos dias.

E' que a região da Maia só desapareceu como divisão legal. Continua vivendo na sua linguagem característica, nas suas romarias, nos seus costumes agrícolas, no vestuário das suas camponesas, na arquitectura das suas casas, e até nos próprios espelhos dos portões da carreira.

Santo Tirso, 13 de Abril de 1922.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.